

# Bagunça nas galerias

RICARDO A. SETTI

Vai começar de novo. Bastou existir a perspectiva de votações importantes no plenário da Câmara dos Deputados, em Brasília —



onde também se reúne o Congresso Nacional —, e os diferentes setores com interesses em jogo já se arregimentam para pressionar deputados e senadores por meio das galerias. Trata-se do semicírculo disposto como um auditório, situado metros acima do plenário, que o envolve e é destinado aos cidadãos que queiram assistir às sessões. Dessa vez, são os dirigentes sindicais de diferentes tendências que pretendem lotar as galerias com militantes durante as principais votações do Plano Collor 2.

Não é bom sinal. O passado recente da utilização das galerias em nada a recomenda. Já na votação do Plano Collor 1, em abril, foi aquele vexame: bofetões, empurrões, bolsadas, xingamentos e vidros quebrados serviram de moldura aos trabalhos dos representantes do povo. Houve baixaria, e da grossa, no Congresso — e não se pôde, então, culpar os alvos invariáveis da censura nacional sempre que se fala de baixaria no Congresso: os políticos. O responsável foi o público.

Bem, não exatamente o público, mas grupos de militantes disfarçados de cidadãos comuns e que constituem uma espécie de lobby à brasileira, que existe não é de hoje, mas foi aperfeiçoado durante a Constituinte. Nos países civilizados, a atividade de procurar legitimamente influenciar o Parlamento é entregue a escritórios especializados e até regulamentada por lei. Aqui existe, em embrião, essa atividade. Mas o truculento "lobby à brasileira" que preocupa consiste em constranger diretamente, muitas vezes na base do xingamento, e sem excluir a bordoadada, os representantes do povo.

Ainda dias atrás, na posse dos deputados e senadores eleitos a 3 de outubro, a falta de educação voltou a imperar nas galerias. Como sempre ocorre, representantes dos setores conservadores, como o deputado Ronaldo Caiado (PSD-GO) ou o deputado Delfim Netto (PDS-SP), foram vaiados. Ninguém nas galerias levou em conta que ambos tiveram grandes votações, retra-

to da confiança de consideráveis fatias da opinião pública nos eleitos — Caiado, por exemplo, foi o deputado mais votado de Goiás.

Mas vaia é pouco. Viveram-se, no Congresso, momentos muito piores — durante a Constituinte, por exemplo, as galerias foram ao ponto de arremessar dinheiro no plenário para protestar contra políticos supostamente "vendilhões" porque não votavam como elas pretendiam. Na discussão do primeiro pacote da era Collor, militantes do MR-8, uma espécie de tropa de choque de um setor do PMDB, promoveram uma baderna que terminou em portas de vidro espatifadas e em pessoas agredidas, enquanto funcionários de estatais ameaçadas de extinção formavam um corredor polonês para injuriar parlamentares.

O pior é que há muita gente no País que acha que é isso mesmo — se estamos numa democracia, então vale tudo, mesmo um tipo de bagunça que, em nações educadas, não se encontra nem em assembleias de estudantes. Nos Estados Unidos, só se entra nas galerias do Senado com um convite assinado por um senador. Na Grã-Bretanha, as pessoas fazem um silêncio religioso quando assistem às sessões da Câmara dos Comuns — gritos e manifestações de irritação, quando existem, ocorrem entre os deputados.

Por isso, é pertinente a preocupação que deputados em primeiro mandato, como João Mellão (PL-SP), já manifestam com o problema. Mellão sugeriu que as galerias sejam isoladas do plenário por janelões de vidro — o que pode ser uma boa idéia. O ex-presidente do Senado Nelson Carneiro (PMDB-RJ) chegou a anunciar providências nesse sentido no ano passado, mas nada acabou acontecendo. O ex-presidente da Câmara Paes de Andrade (PMDB-CE) cogitou de limitações no acesso ao Salão Verde, o grande vestibulo do plenário, mas também nada se fez.

Talvez seja assunto para a comissão de deputados que começou a trabalhar em fórmulas para restabelecer o prestígio do Legislativo, de que fazem parte, entre outros, Antônio Britto e Nelson Jobim, ambos do PMDB gaúcho. O que não é possível é permitir que o Congresso faça suas votações mais transcendentais em clima de Corinthians x Palmeiras, de Fla x Flu ou de Sambódromo. Galeria não pode ser galera.

□ Ricardo A. Setti é editor-chefe do Estado

